

“ENTREVISTA”

Armindo Costa sai orgulhoso por ter transformado Vila Nova de Famalicão

O presidente cessante da Câmara de Vila Nova de Famalicão, Armindo Costa, está orgulhoso da dinâmica que imprimiu ao concelho ao longo dos últimos 12 anos. Na sua última entrevista ainda em funções, o edil passa em revista para o *Diário do Minho* o conjunto dos seus três mandatos e fala, sem rodeios, do passado obscuro que herdou da administração socialista de Agostinho Fernandes, das conquistas que alcançou e dos contratemplos com dois vereadores a quem retirou os pelouros. Nesta entrevista não deixa de abordar as consequências que a sua família sofreu com a sua dedicação à autarquia e com o seu declarado amor a Vila Nova de Famalicão: a sua terra.

ÁLVARO MAGALHÃES

DIÁRIO DO MINHO (DM) – DECIDE ENTRAR NA POLÍTICA PORQUÊ?

ARMINDO COSTA (AC) – É muito simples. Sou famalicense e toda a minha vida me senti como tal, embora tivesse havido um período curto da minha vida em que estive em Inglaterra dois anos a estudar, quando fui dois anos para a guerra em Angola e vivi dois anos em Lisboa, precisamente quando se deu o 25 de Abril. Tirando 6 anos à minha idade sou na verdade um famalicense por inteiro. É aqui que tenho a minha família, a minha empresa, a minha vida.

Numa altura em que os dinheiros vinham, pelo fundo de coesão no âmbito da nossa adesão à comunidade europeia, via que esse dinheiro chegava e produzia efeitos em muitos sítios e, em Famalicão, ou não chegavam ou não era procurado. Ora, em 1996, no dia de Santo António, num almoço que contou como presidente da Câmara de então, Dr. Agostinho Fernandes, manifestei o meu desencanto. Conversámos abertamente como amigos que éramos e disse-lhe: ou isto muda ou vou candidatar-me à Câmara de Famalicão e não

vou permitir que este estado de coisas continue. Famalicão merece mais. Ou tu dás uma volta a isto ou vou para a luta.

DM – HÁ CONTUDO QUEM DIGA QUE QUIS SER PRESIDENTE DA CÂMARA POR VAIDADE PESSOAL, POIS POR DINHEIRO JÁ NÃO SERIA, JÁ QUE ERA UM EMPRESÁRIO DE SUCESSO. HÁ ALGUMA VERDADE NESTA IDEIA?

AC – Isso não corresponde nada à verdade. Eu sentia a necessidade de me afastar um pouco da empresa para que os meus filhos assumissem mais protagonismo. Eu entrando na política iria permitir-me acompanhar a evolução deles nos negócios e apoiá-los quando necessitassem.

DM – NAS AUTÁRQUICAS DE 1997 APÓS UMA CAMPANHA COM “ENERGIA MÁXIMA” PERDE PARA O SOCIALISTA AGOSTINHO FERNANDES POR 5,6%. COMO ENCAROU A DERROTA?

AC – Não era fácil ganhar a Câmara. O poder instalado tinha raízes muito fortes. Para ajudar à festa, o presidente do CDS de então, Dr. Manuel Monteiro, não permitiu a coligação. Tentei. Encontrei-me por acaso com ele em Cabo Verde e falámos sobre o assunto. Depois almocei com ele



Armindo Costa foi entrevistado na Casa do Território, no Parque da Devesa

em Lisboa e com amigos comuns e ele sempre disse que não a uma coligação no concelho. Não conseguimos essa coligação, apenas existiu um acordo em que o PSD não apresentava lista à Assembleia Municipal e o CDS não apresentava candidato à Câmara. Não correu bem. Eu estava convencido que ganhava porque a dinâmica era forte. Tinha uma certeza: os famalicenses estavam cheios da administração socialista porque olhavam à volta e viam o que os outros municípios tinham e estavam bastante mais à frente.

DM – COMO ERA A RELAÇÃO COM O PS E COM AGOSTINHO FERNANDES? SENTIA QUE ERA INCÓMODA A SUA PRESENÇA NA OPOSIÇÃO?

AC – Não. Diria que o Dr. Agostinho Fernandes quando vacilava, quando eu argumentava e fazia ver que aquele não era o caminho,

havia elementos do PS que agrediam verbalmente o líder da oposição. Tenho mais queixa dos vereadores socialistas que acompanhavam o Dr. Agostinho Fernandes do que dele mesmo. Senti de quem o acompanhava que não queria o bem de Famalicão.

DM – TINHA ACESSO À VIDA DA AUTARQUIA? ERAM-LHE PRESTADAS AS INFORMAÇÕES QUE PEDIA?

AC – Era quase impossível ter acesso a informações. A democracia não era plena.

DM – COMO ENCAROU A SUA FAMÍLIA ESTA AVENTURA?

AC – Os meus filhos não reagiram. Entendiam que a possível saída do pai lhes dava alguma liberdade para se imporem e assumirem o controlo da empresa. Aliás esse era um dos meus objetivos. A minha mulher sempre foi contra.

DM – ENQUANTO VEREADOR DA OPOSIÇÃO SENTIU APOIO DA EQUIPA QUE O ACOMPANHAVA?

AC – O partido estava comigo. Os vereadores estavam comigo. Apenas um não estava nem comigo nem com o partido e acabou por abandonar o barco ao longo deste processo...

DM – NAS AUTÁRQUICAS DE 2001 CONQUISTOU A PRESIDÊNCIA DA CÂMARA, INFORMANDO QUE SAIRIA DA PRESIDÊNCIA NO FINAL DE DOIS MANDATOS, O SUFICIENTE, DISSE NA ALTURA, PARA CONCRETIZAR “UM GRANDE PROJETO PARA UM GRANDE CONCELHO”. O SEGREDO DA VITÓRIA FOI TER CALCORREADO TODAS AS FREGUESIAS DO CONCELHO?

AC – Sou empresário na zona nascente do concelho, na confluência das freguesias de Pedome, Oliveira Santa Maria e Mogege. Ali era uma pessoa muito conheci-

da. Nasci em Gavião, vivi em Famalicão e depois mudei para S. Tiago da Cruz. Aqui também me conheciam. Mas tudo isto não chegava. A minha presença na oposição levou a que concluísse da necessidade cada vez maior de me tornar presidente da Câmara. Não fazia ideia que as coisas estavam tão mal como as encontrei. Por isso, quando cheguei à campanha eleitoral de 2001 adotei um slogan condizente com o que estava a ser necessário para Famalicão. Eu tinha um grande projeto para um grande concelho, porque Famalicão é grande em dinâmica... em tudo. Só que tinha uma governação muito pequena, ou melhor, tinha uma desgovernação municipal que não deixava as coisas acontecerem.

DM – HOVE TAMBÉM O APROVEITAMENTO POLÍTICO DA DIVISÃO QUE SE INSTALOU ENTRE SOCIALISTAS?

AC – Muita gente pensou que ganhei as eleições de 2001 pelo confronto entre o MAF e o PS e eu não gostei nada, porque mesmo que não tivesse existido essa separação eu teria conquistado mais votos, não tenho dúvidas nenhuma.

DM – NAS CAMPANHAS ELEITORAIS PERCORREU TODO O CONCELHO. FOI AÍ QUE VIU O QUE O CONCELHO PRECISAVA? FOI COM ISSO QUE SE FEZ AUTARCA?

AC – Eu sou um apaixonado por Famalicão. Não conheço nada no país tão bonito, tão... tão... Não tenho adjetivo para dizer o que é o concelho de Vila Nova de Famalicão. É uma coisa do outro mundo! A cidade, contudo, estava muito mal as freguesias estavam num estado caótico. Quando visitava algumas freguesias apetecia-me chorar. E era tão

Ao fim de 12 anos confia no futuro do concelho

Cont. da pág. 8

fácil dar uma volta... As escolas estavam num abandono total, os caminhos eram em terra ou mal feitos, havia água e saneamento nas freguesias dos amigos porque Famalicão era "terra de amigos".

DM – COMO ESTAVA A AUTARQUIA QUANDO A ASSUMIU?

AC – Mal. Ninguém se entendia. Os trabalhadores estavam desmotivados e auto-estima era uma palavra que não conheciam. Cada um entrava e saía à hora que queria. Os fornecedores esperavam dois anos para receber. Era uma Câmara que não tinha por onde se lhe pegasse. Pior do que isso foi o facto do Dr. Agostinho Fernandes ter perdido o controlo da situação. Enquanto que até 1997 a dívida era demasiado pequena – digo isto porque a Câmara não tinha praticamente investimento, logo não tinha dívida –, no último mandato (1997-2001) a dívida da autarquia passou de 8 milhões de euros para 48 milhões de euros! E depois ainda havia coisas escondidas que foram sendo reveladas.

DM – COMO ERA VISTO O CONCELHO DE VILA NOVA DE FAMALICÃO A NÍVEL REGIONAL E NACIONAL?

AC – O anterior executivo tinha conseguido para Famalicão o CITEVE o que foi uma coisa positiva. O Dr. Agostinho Fernandes também se tinha mexido para trazer a Universidade Lusíada. Tirando isso, pouco ou nada mais aconteceu em termos de projeção do concelho. Na AMAVE, Famalicão não tinha prestígio; o poder reivindicativo não existia; e havia o lóbi Guimarães/Santo Tirso/Fafe que dominava por completo Famalicão.

DM – O QUE MAIS O INCOMODAVA NESTE CONCELHO? O QUE É QUE MAIS O ENCORAJOU A AGIR?

AC – O concelho estava um cangalho! Precisava de uma intervenção global. Não se poderia dizer que as escolas



Armindo Costa afirma que agora, com 75 anos, vai dedicar o seu tempo sobretudo à esposa e aos filhos

estavam bem e que se poderia gastar o dinheiro em outras áreas. O Dr. Agostinho Fernandes tinha um homem consigo que era o Dr. Mário Martins, com quem, ao longo dos tempos, criei admiração e simpatia. Ele, que não era vereador, avançou com as pré-primárias no concelho, algumas mal instaladas, mas avançou. No meu primeiro mandato construí 10 jardins de infância de raiz. Os projetos estavam feitos. Quando cheguei à Câmara havia projetos, muitos projetos. Os gabinetes de arquitetura faturavam largo para a Câmara mas depois nada era posto em prática. Eu limitei-me a definir o que é que era prioritário e possível fazer. Tudo o que fizemos no primeiro e segundo mandatos foi extraordinário. Não acreditava que fosse possível fazer tanto, mas também não sabia que havia tanto desperdício. Hoje, depois de fazer o que fiz, consegui ainda assim reduzir a dívida da Câmara em mais de 25 milhões de euros.

DM – UM DOS FATORES POSITIVOS QUE LHE RECONHECEM FOI A CAPACIDADE DE DIÁLOGO COM AS JUNTAS.

AC – Disse na minha campanha que, como presidente, duplicaria as verbas livres para as freguesias e assim fiz: aos dois milhões de euros acrescentei mais dois. Fiz ainda outra coisa: das coisas mais degradantes que via nos corredores da Câmara eram os presidentes de junta passarem dias e dias, de manhã à noite, à porta do gabinete do presidente para poderem ser atendidos. Achei com isso com a criação do pelouro das Freguesias e todos foram tratados por igual.

DM – TEVE ALGUMAS COMPLICAÇÕES. POR DUAS VEZES RETIROU PELOUROS A VEREADORES ELEITOS PELA COLIGAÇÃO. FORAM MOMENTOS DIFÍCEIS?

AC – Não, até porque o respeito e consideração pessoal que tinha por essas pessoas não foram beliscados em nada. Às vezes personalidades fortes chocam... Não foi mais do que isso. Foram acidentes que era melhor que não tivessem acontecido mas aconteceram...

HOJE, TERIA AGIDO DE FORMA DIFERENTE?

AC – Não. Hoje teria agido da mesma forma.

DM – CONSIDERA-SE UM PRESIDENTE SEVERO?

AC – Rigoroso. Sou uma pessoa rigorosa, que gosta de agir rápido e que não gosta de adiar problemas. Se vir que errei chamo a pessoa e admito que não estive bem. Para mim o que há de pior são as faltas de lealdade.

DM – INICIOU O SEGUNDO MANDATO COMO SE FOSSE O ÚLTIMO?

AC – Sim. Mas a ano e meio pressionaram-me para que fizesse mais um mandato. Falei com a minha esposa e disse-lhe que se ela não quisesse que continuasse não continuaria. Ou havia entendimento entre nós como casal ou não haveria candidatura. Ela anuiu e decidi então recandidatar-me.

DM – PORQUE ASSUMIU O PELOURO DO URBANISMO?

AC – Tenho de dizer que o Jorge Paulo Oliveira foi um vereador de uma lealdade extraordinária. Era um jovem seríssimo e eu sentia que havia um exagero no controlo do urba-

nismo. Tenho uma conceção diferente e entendi que havia pouca responsabilidade por parte dos técnicos. Conversei com o Jorge Paulo Oliveira e dei uma dinâmica àquele pelouro. Hoje entendo que o urbanismo passa pela responsabilidade dos técnicos e pelo controlo do presidente. Foi assim que o concelho se desenvolveu também.

DM – DEPOIS DE VENCER EM 2009, PREOCUPOU-SE COM A SUA SUCESSÃO?

AC – Sim. Disse ao PSD que escolhesse e preparasse alguém para continuar. Dei liberdade e assim aconteceu. O Dr. Paulo Cunha teve oportunidade de se preparar e contactar com a realidade do concelho. Fez um bom trabalho e a verdade é que as eleições assim o comprovaram.

DM – O QUE FICA A MARCAR ESTE TERCEIRO MANDATO?

AC – Este foi um mandato interessante. O Parque da Devesa foi uma obra fantástica. Tivemos de avançar e negociar a capacidade construtiva. Primeiro estavam previstos, com o Dr. Agostinho Fernandes, 120

mil metros quadrados de área a construir e conseguimos reduzir para 100 mil. Tivemos de avançar com a obra por causa dos timings mas deixei uma cláusula de salvaguarda que dá à autarquia a possibilidade de não deixar construir e de saber o que paga de indemnização por cada metro quadrado.

DM – E HOJE, COMO É VISTO O CONCELHO?

AC – Há um concelho antes e outro concelho depois de Armindo Costa. Antes era uma terra que dificilmente se atravessava. Hoje é o terceiro município mais exportador do país, é o segundo em termos de reconhecimento de políticas educativas e em termos sociais é um caso de estudo. Há ainda muito a fazer, claro está, mas estou certo que o rumo será mantido.

DM – O ARMINDO COSTA AUTARCA ACABA EM 20 DE OUTUBRO DE 2013. O SEU FUTURO PESSOAL É VIVER UMA TRANQUILA REFORMA OU AINDA PODEREMOS VER O SEU CONTRIBUTO NUM LUGAR POLÍTICO?

AC – Tenho 75 anos feitos, vou ajudar os meus filhos e vou dar à minha mulher um pouco do tempo que lhe retirei ao longo destes 12 anos. Saio da Câmara com a noção do dever cumprido.

DM – O QUE DESEJA AOS FAMALICENSES?

AC – Desejo que muita coisa que iniciei não seja interrompida: os livros, as condições de excelência nas escolas e rede viária, que se complete a rede de água e saneamento e que o novo presidente negocie os terrenos do Parque da Devesa e que faça aquilo que os famalicenses gostavam que ele fizesse.

DM – SENTE ORGULHO NO SEU CONCELHO E NAS SUAS GENTES?

AC – Não fui nas urnas o presidente escolhido por todos mas na prática fui o presidente de todos os famalicenses. E disso tenho muito orgulho.